

DIRETRIZES GERAIS PARA A ELABORAÇÃO DE UMA GRAMÁTICA DESCRITIVA*

Valter Kehdi
USP - (FFLCH)

Tem-se insistido muito, atualmente, na necessidade da revisão de alguns princípios da gramática tradicional, com vistas à elaboração de uma gramática mais moderna e científica (1). Sem dúvida, trata-se de preocupação oportuna e saudável, levando-se em conta o grande avanço da lingüística moderna, a cujas conquistas não podemos mais permanecer indiferentes. Entretanto, cremos que certas questões básicas pairam acima de preocupações mais ligadas à fidelidade a certos “ismos” do momento, e é nessas questões que pretendemos concentrar-nos na presente exposição.

Inicialmente, cumpre esclarecer que se impõe, permanentemente, uma reavaliação dos nossos estudos gramaticais, como o sugerimos ao longo destas linhas.

Outro aspecto de capital importância vincula-se ao esclarecimento das devidas relações entre os enfoques sincrônico e diacrônico. Falar em gramática descritiva implica privilegiar uma investigação do ponto de vista sincrônico, o que não exclui a preocupação com a explicação dos fatos descritos. Ora, com freqüência é a diacronia que traz as elucidações de certos fenômenos gramaticais: a variante -*arento* do sufixo -*ento* ocorre em *fumarento*, *luarento*, *sumarento* por influência de *suarento*: a mobilidade de algumas conjunções coordenativas, como *contudo*, *entretanto*, *portanto* (já observada por Maximino Maciel, em sua *Gramática descritiva*, às p. 153-4 (n.3) e (4)), deve-se ao fato de serem, na origem, adjuntos adverbiais móveis.

Cabe, também, ressaltar que certas noções e técnicas de análise sincrônica permitem a explicação de alguns problemas diacrônicos: assim, a noção de campo de dispersão de um fonema, isto é, o conjunto de suas variantes, permite esclarecer por que as vogais /e/ e /o/, do português, em oposição a /E/ e /O/, têm reduzidíssima margem de variação, ao passo que as mesmas vogais /e/ e /o/, em espanhol, admitem mais variantes, pois não existem E e O como fonemas, em castelhano. Em outras palavras, o campo de dispersão de um fonema é tanto maior quanto mais afastado ele estiver dos fonemas vizinhos. Temos, aqui, um elemento de elucidação de certas alterações fonéticas que a gramática histórica só podia constatar, sem a devida explicação.

*1ª Semana de Estudos da Língua Portuguesa - Rio de Janeiro, 23 a 28 de outubro de 1995 - Liceu literário Português - Instituto de Língua Portuguesa.

A existência de oposições privativas, em que um elemento marcado (+) se contrapõe a outro não marcado (-), possibilita, também, o esclarecimento de certas evoluções em morfologia: as formas não marcadas, por serem mais freqüentes, tendem a resistir mais e a permanecer, em detrimento das marcas. É assim que E. Coseriu, em conhecido estudo sobre a coordenação latina e a românica, explica que, das quatro conjunções coordenativas positivas em latim, *et, ac, atque, -que* - é a primeira (não marcada) a que permanece no domínio românico (2). Deve-se, portanto, estabelecer relações dialéticas entre sincronia e diacronia; embora os enfoques sejam diferentes, não representam compartimentos e tanques.

Por outro lado, o gramático deve estar atento às armadilhas resultantes do decalque de descrições da gramática latina sobre a portuguesa. Lembremos, a título de ilustração, o exemplo das vogais de ligação: /i/ e /o/ só podem ser reconhecidos como vogais de ligação em português, se apresentarem realmente esse comportamento em nossa língua.

Com efeito, em *realidade*, dada a existência de *real* (sem -i_ e de -dade (também sem -i- em *bondade, maldade*, etc.), é possível depreender o /i/ de ligação, independente de sua origem latina.

Outro exemplo é o do gerúndio modal, de valor oracional ou não. É dado por alguns como não racional, por representar o ablativo do gerúndio. No caso, a correspondência diacrônica induz a erro, visto que, em latim, o gerúndio se opõe ao particípio presente; na evolução das línguas românicas, o gerúndio invade o terreno do particípio presente e, praticamente, o elimina. Dessa forma, em português adquire valor marcadamente verbal, constituindo sempre o núcleo de uma oração reduzida.

Dada a grande semelhança entre as línguas neolatinas, impõe-se ao gramático a observação do que se passa nos idiomas irmãos. Com freqüência, certos fenômenos gramaticais são mais nítidos em uma língua do que em outra, e o cotejo entre elas pode contribuir para o esclarecimento de algumas dúvidas. Lembre-se, por exemplo, que a diferença de emprego entre os verbos *ser* e *estar* foi muito mais estudada em castelhano do que em português, o que constitui convite para que se leiam as páginas dedicadas ao assunto nas gramáticas espanholas (3). Importante, também, é o capítulo do objeto direto preposicionado: os casos de objeto preposicionado por *a* são mais freqüentes em castelhano; numerosíssimos em francês são os encabeçados pela preposição *de*, com valor partitivo. Assim sendo, somente uma comparação com as línguas mencionadas possibilita determinar a verdadeira “feição” desse fato sintático em português.

Após as considerações relativas aos vínculos entre sincronia e diacronia e à importância do confronto com as demais línguas românicas, passemos a algumas observações ligadas especificamente aos terrenos da morfologia e da sintaxe.

A grande maioria das escolas lingüísticas deste século tem chamado a atenção para as estruturas primitivas e as derivadas, ainda que nem sempre de forma explícita. Os distribucionalistas (com seus conceitos de *modelo* e *expansão*), os funcionalistas de orientação martiniana (com a noção de “enunciado mínimo” e suas possibilidades de expansão por coordenação e subordinação), e outros, entre os quais os gerativistas (reconhecendo-se que, para estes últimos, a oposição se estabelece entre uma **estrutura**

profunda, fundamentalmente abstrata, e uma estrutura de superfície, correspondente à frase realizada), todos apontam para a existência de um nível básico e de outro derivado.

Fixando-nos na cadeia da fala, vamos admitir os dois níveis como efetivamente realizados (o que nos permite afastarmos-nos do ponto de vista gerativista) e discutir alguns casos em que se percebem as possíveis relações entre esses níveis. O complemento nominal representa um exemplo de estrutura derivada, visto que se configura em construções nominalizadas, ou seja, derivadas de construções inicialmente verbais; comparem-se *X construiu a ponte* e *a construção da ponte*.

Alguns predicativos do sujeito ou do objeto figuram em frases resultantes do cruzamento de dois outros enunciados: *Ele saiu satisfeito* (de *Ele saiu* e *Estava satisfeito (quando saiu)*).

Não nos esqueçamos, também, do oposto, associado ao predicativo de uma oração subordinada adjetiva explicativa básica: *São Paulo, o coração do Brasil, cresce exageradamente* (de *São Paulo, que é o coração do Brasil, cresce...*). Esses poucos exemplos parecem-nos suficientes para mostrar a importância do estabelecimento dos dois níveis, o que imprime maior economia e maior rigor na apresentação dos fatos sintáticos.

Em morfologia, também é útil o reconhecimento desses dois níveis. A título de ilustração, citemos as formas teóricas (de acordo com a escola bloomfieldiana): **leo*N explica o plural *leões*, o feminino *leoa* e os derivados *leonino*, *leonismo*, ...; a forma teórica é, portanto, a básica, da qual derivam as demais. Nos radicais verbais com travamento nasal indicado pela segunda pessoa do singular do presente indicativo (*pões*, *tens*, *vens*), as formas básicas *pon-*, *ten-* e *ven-* são o ponto de partida para as demais formas da conjugação, com a aplicação de regras morfofonêmicas.

Lembre-se, ainda, que uma longa tradição de estudos de análise sintática com base na lógica - o que possibilitava apenas o reconhecimento do sujeito e do predicado - não permitiu que se identificassem e se caracterizassem, com o devido rigor, os complementos, cujo estudo é relativamente tardio. Pense-se por exemplo, nas discussões em torno da distinção entre objeto indireto e complemento relativo e da caracterização dos diferentes tipos de complementos substantivais. No que se refere aos sintagmas intervirgulados e móveis (como em *Durante as férias, vou à praia*), as preocupações são bastante recentes, embora alguns lingüistas já tivessem chamado a atenção para esse tipo de construção (4). O exame minucioso desses sintagmas conduz a importantes reflexões sobre sua mobilidade, suas relações com o núcleo da frase, as considerações semânticas daí decorrentes, problemas de coesão e de entonação. A gramática tradicional não desconheceu totalmente esse tipo de estrutura, pelas referências que fez aos advérbios de oração e às orações intercaladas; contudo, por falta de uma visão de conjunto, acabou por ater-se a conclusões de caráter predominantemente semântico (5). Uma análise atenta das intercaladas poderia esclarecer alguns processos de gênese da frase.

Reconhecem-se, também em morfologia, exemplos de coesão maior ou menor entre os morfemas: em alguns derivados sufixais, como *lealdade* e *limãozinho*, os respectivos plurais (*lealdades* e *limõezinhos*) revelam que os dois sufixos não têm o mesmo grau de aderência aos radicais a que se atrelam.

Finalmente, cumpre observar que a sintaxe tradicional estabelece como limite máximo de investigação o quadro frasal. Em nível de frase, ainda há muito por esclarecer, como lembramos acima: uma conceituação mais rigorosa de objeto indireto, de complementos substantivais, etc. Todavia, alguns fatos sintáticos apontam para uma investigação em nível textual; por exemplo, a coordenação, o emprego do artigo, a sucessão e uso dos tempos verbais, etc. (6). Não poderíamos deixar, aqui, de fazer referência aos estudos pioneiros do professor Dr. Isaac Nicolau Salum (ex-titular da área de Filologia Românica da FFLCH-USP), que, com o seu método de “Abordagem lingüístico-retórica do texto”, já chamava a atenção para certas questões de sintaxe: o caráter coesivo do aposto e do vocativo (em nível textual), o grande número de casos de aposição, a existência de novos tipos de orações intercaladas, etc. (7). Assim sendo, uma investigação adequada dos problemas sintáticos deve concentrar-se nos dois níveis, o frasal e o textual.

Da mesma forma, a fixação na sintaxe frasal impediu que se percebesse, nos vocábulos compostos, uma micro-sintaxe (distinta da sintaxe da frase), que permitiria a explicação das regras de flexão de gênero e número desses substantivos, sem as oscilações com que esse fenômeno vem sendo apresentado em nossas gramáticas. Ainda não se deu a devida importância ao ensaio de Benveniste, “Fondements syntaxiques de la composition nominale” (8), em que o autor assinala que o composto resulta da transformação de um anunciado sintático livre. Bem anterior ao artigo de Benveniste é o *Traité de la formation des mots composés ...*, de A. Darmesteter, que, numa perspectiva fundamentalmente histórico-comparativa, já tinha observado a existência de uma sintaxe dos compostos, com um enfoque marcadamente psicológico.

Não cremos ter feito o levantamento de todas as diretrizes para a elaboração de uma gramática descritiva; conscientes de nossas limitações, pensamos, todavia, que uma gramática, que se pretenda rigorosa e moderna, deve conter observações resultantes da reflexão sobre as questões aqui expostas.

NOTAS

- 1- É o que pretende a *Gramática descritiva do português*, de Mário A. Perini, em que muitos conceitos são revistos e questionados; contudo, o autor não nos oferece uma verdadeira gramática descritiva, propondo-nos apenas que repensemos alguns princípios básicos.
- 2- Cf. “Coordinación latina y coordinación románica” (p.203-30), in *Estudios de lingüística románica*.
- 3- Excelente estudo dessa diferença encontramos em R. Navas Ruiz: *SER y ESTAR. Estudio sobre el sistema atributivo del español*, em que o autor faz também referências a todos os gramáticos que se preocuparam com essa questão.
- 4- Assim, O. Jespersen, em *A modern English grammar* (7 volumes, dos quais 5 dedicados à sintaxe), estabelece o conceito de “extraposição”, mostrando como essa construção evoluiu para as apositivas ou para as quase predicativas, e destas para as predicativas propriamente ditas (cf.v. III - p.355-83). Não podemos deixar de men-

cionar as obras mais recentes de N. Dupont e P. Le Goffic (v. Bibliografia). Na linha distribuído na lista, merece especial destaque *The structure of American English*, de W. Nelson Francis (p.399-409).

- 5- Cf., por exemplo, as *Lições de português pela análise sintática*, de E. Bechara (p.80 (§ 19) e 108-9 (§ 4b)).
- 6- Obra de consulta indispensável para esclarecimentos sobre lingüística textual é a *Introducción a la lingüística del texto*, de E. Bernárdez.
- 7- Lembre-se que E. C. Pereira, em sua *Gramática expositiva*, já mencionava a existência de nexos entre frase, como as conjunções coordenativas *continuativas* ou *transitivas* (cf. p. 172-3).
- 8- Cf. E. Benveniste - *Problèmes de linguistique générale*. v. II, p.145-62.

BIBLIOGRAFIA

- BECHARA, E. - *Lições de português pela análise sintática*. 11. ed. Rio de Janeiro, Grifo, 1978.
- BENVENISTE, E. - *Problèmes de linguistique générale*. v.II. Paris, Gallimard, 1974.
- BERNARDEZ, Enrique - *Introducción a la lingüística del texto*. Madrid, Espasa-Calpe, 1982.
- CAMARA Jr., J. Mattoso - *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- COSERIU, E. - *Estudios de lingüística románica*. Madrid, Gredos, 1977.
- DARMESTETER, A. - *Traité de la formation des mots composés dans la langue française*. 2. éd. Paris, Emile Bouillon, 1894.
- DUPONT, Norbert - *Linguistique du détachement en français*. Berne, Peter Lang, 1985.
- FRANCIS, W. Nelson - *The structure of American English*. New York, Ronald Press, 1958.
- JESPERSEN, Otto - *A modern English grammar on historical principles*. Copenhagen/London, Einar Munksgaard/George Allen & Unwin, 1949 (7 v.).
- Le Goffic, Pierre - *Grammaire de la phrase française*. Paris, Hachette, 1993.
- MACIEL, Maximino - *Grammatica descritiva*. 10. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1926.
- NAVAS RUIZ, Ricardo - *SER y ESTAR. Estudio sobre el sistema atributivo del español*. Salamanca, 1963.
- PEREIRA, E. Carlos - *Gramática expositiva*. 103. ed. São Paulo, Editora Nacional, 1957.
- PERINI, Mário A. - *Gramática descritiva do português*. São Paulo, Ática, 1995.
